

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ, de Berlim

O clássico reinventado

Música clássica sempre fez parte de Berlim. A cidade hoje tem 11 orquestras, três óperas e três corais. Porém, nos últimos anos, o mercado local foi sacudido, e a cena de música clássica, antes considerada programa de elite, invade os melhores clubes da moda. Pode parecer bizarro, mas o fato é que o clássico encontra em Berlim fãs na vida noturna da cidade. O novo hábito começou com um evento chamado Yellow Lounge, uma iniciativa da gravadora Deutsch Grammophon. O primeiro clube a abraçar a ideia foi o Cookies, um dos mais *cool* da cidade. Atualmente, DJs de música clássica, repertório clássico ao vivo e VJs já integram, sem espanto, o ambiente de clubes como Berghain, Maria am Ostbahnhof, WMF, 103 e Weekend, assim como locais inesperados como o museu Neue Nationalgalerie, projeto do arquiteto Mies van der Rohe.

Os frequentadores desses clubes são na maioria jovens e modernos, vestem jeans, tênis e camiseta, e estão acostumados com muito barulho. Com uma cerveja ou um gim-tônica na mão, eles simplesmente param de falar e ficam em silêncio absoluto durante o show. O bar, inclusive, interrompe o serviço de bebidas. As apresentações são acústicas. Os que chegam cedo e enfrentam filas garantem lugar perto do palco, sentando-se quase aos pés dos artistas. Os músicos, habituados a certa distância entre público e palco, no primeiro momento estranham, mas logo ficam à vontade com a nova experiência e adoram o contato intimista com um público jovem, respeitoso e penetrado na música.

Houve tentativas de implantar o Yellow Lounge em várias cidades da Alemanha. A primeira foi em Hamburgo, em 2001, no Die Welt ist Schön ("O mundo é belo"). A proposta também foi testada em outras cidades da Europa, mas só funcionou mesmo em Berlim. Hélène Grimaud, Albrecht Mayer, Sting, Rufus Wainwright e Pet Shop Boys são alguns dos artistas que já passaram pelo Yellow Lounge como músicos ou DJs convidados.

Um dos cenários mais interessantes do Yellow Lounge é, sem dúvida, o Berghain, o templo do techno e do house de Berlim, eleito várias vezes o melhor clube do mundo. O local abre de sexta-feira a domingo, funcionando 48 horas, a todo vapor, com DJs consagrados se revezando.

O gigantesco complexo, com capacidade para 1.500 pessoas, pistas de dança com 18 metros de altura, ambientes escuros e um bar chamado Panorama, está localizado nas instalações da companhia de aquecimento da antiga Berlim Oriental.

O Berghain e tantos outros clubes da cena musical de Berlim aderiram à ideia do Yellow Lounge. E, semana passada, o coral Rundfunkchors Berlin, um dos melhores do mundo (vencedor do Grammy), retornou ao clube para dois concertos realizados nos moldes do YL. Só que desta vez, além de VJs e DJs, houve dança e coreografia ao som da obra do compositor britânico Gustav Holst. Poucos dias depois, este mesmo coral se apresentou na Filarmônica, com Claudio Abbado.

Abbado, sucessor de Karajan, se apresenta uma vez

por ano em Berlim. A sua genialidade nunca foi reconhecida nos tempos de maestro residente da Filarmônica (1989 a 2002). Essa situação mudou. Suas raras apresentações hoje são sagradas e levam o público e a própria orquestra ao paraíso.

Abbado pode não ser tão carismático como Herbert von Karajan e Simon Rattle, mas desde que se afastou do cargo tornou-se herói. Em três noites emocionantes, o italiano apresentou com maestria um programa com obras de Schubert, Schönberg e Brahms.

Mas o interessante é que, nesse retorno a Berlim, Abbado se depara com a antiga orquestra em novíssimas condições musicais. A orquestra e o maestro sabem muito bem o que querem musicalmente. Porém, no campo financeiro, ela não é

mais tão rentável. A crise da indústria fonográfica foi um dos fatores que pesaram na balança. Eles não recebem mais orçamentos milionários para a gravação de CDs em multinacionais. Reverter este quadro é tarefa difícil.

A Filarmônica de Berlim é uma das três melhores orquestras do mundo, um conjunto que recebe verba anual de €15 milhões do Estado, e cujo principal patrocinador é um banco. Mais de 90% dos seus concertos têm bilheteria esgotada, e uma das suas mais novas fontes de renda são concertos digitais, que podem ser assistidos on-line mediante pagamento. Além disso, a Filarmônica de Berlim viaja em turnê pelo mundo pelo menos uma vez por ano. Com tudo isso, ainda existe um déficit no orçamento da orquestra.

A Filarmônica está passando por modificações. Uma nova administração está sendo aguardada no verão. E não será, como sempre foi na história da Filarmônica, de uma pessoa com bagagem musical. Ao contrário! Martin Hoffmann é um profissional jovem, de 50 anos, e vem da área de comunicação, com especialização em programas de televisão. Ele chega com força total, prometendo uma reviravolta na performance de captação da orquestra. Um dos caminhos para atingir seu objetivo com sucesso é conectar esses dois mundos da música clássica.

A transgressão do Yellow Lounge e a organização da Filarmônica: uma dupla só possível mesmo na Alemanha.

DJs de música clássica e repertório ao vivo já integram o ambiente de clubes

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso